Pola:ter:e pola:grei

A Monarquia

Diario Integralista da Tarde

Director
Conde de Monsaraz
Redactor principal
Antonio Sardinha
Propriedade da Sociedade Integralista Editora, Limitada
Escritorios e Typographia
R. de S. Paulo, 60
Impressão — Rua do Telhal, 134
Editor — João A. Santos
Telefones: C. 1035

UM VEREADOR

Silenciosamente, na sua obra animada da mais pura filosofia contra revolucionario, nós temos que saudar em Antonio Lino Neto um dos raros cerebros construtivos do nosso país. A sua intervenção como vereador no problema momentoso das subsistencias é apenas um episodio numa longa vida de trabalho, inteiramente dedicada ao amor de Portugal no que ele possue de mais firme e de mais sagrado:—a Religião e o Municipio. Olhemos para trás. E na mediocridade doirada em que o Constitucionalismo se subverteu, bem cedo a figura mental de Antonio Lino Neto se nos apresenta fora de toda a formação partidaria, desde logo afirmando as tendencias predilectas da sua inteligencia.

E' de linhagem varonil dos Le Play e dos La Tour du Pin o dr. Antonio Lino Neto. Ele significa até para nós, tradicionalistas, um dos esforços mais conscientes e mais aturados que anteciparam o nosso. A'manhã, quando na historia das idéas portuguêsas se procurarem as raizes do nosso movimento, Antonio Lino Neto ha de figurar na ala escolhida dos nossos mais proximos parentes espirituais. São admiraveis os intuitos nacionalistas em que a sua actividade mental se inspirou sempre. Vontade nitidamente norteada por aqueles solidos principios que não sendo os do seculo são os de todos os seculos, Antonio Lino Neto na *Questão agraria* e na *Questão administrativa* deixou-nas lançadas as bases da nossa futura reorganisação social. Não nos surpreende por isso a superior affirmação da sua competencia verdadeiramente excepcional tão depressa um ensejo se lhe offereceu para que ela se manifestasse em toda o magnifico vigor dos seus vigorosos recursos.

Eu não escrevo o nome de Antonio Lino Neto sem uma certa emoção. Lembra-me ele os meus começos literarios num apegado liceu de provincia, quando com o aforar da adolescencia despertavam em mim as primeiras tentações da publicidade. Foi Antonio Lino Neto quem então me acolheu com palavras de incitamento e de conselho, não se tendo eu ainda esquecido dessa hora em que importunamente o roubei aos seus habitos de monge laborioso para lhe confiar o plano dum livro,—do livro com que nós sonhamos aos quatorze annos e que é a miragem eterna atrás da qual corremos depois pela vida fóra. Mais tarde, já de posse duma tendencia mental, o meu pensamento viria a estabilisar-se no sentido em que a obra de Antonio Lino Neto se illumina toda.

E' preciso que o compreendamos na sua admiravel biografia moral para que a attitude de Antonio Lino Neto na Camara de Lisboa, apenas esboçada, se encha do relevo que em justiça lhe é devido. Dizia eu que Lino Neto é do moldagem viva dos Le Play, dos de Mun e dos La Tour du Pin. Como tal, impregnado dos mais salutares dictames de sociologia catolica, Antonio Lino Neto não se inscreve de modo nenhum pela constituição actual da sociedade. Quem leu e meditou as paginas elevadas de *A questão agraria*, logo adivinhou nele, não um *conservador*, mas um *renovador*. Acentuemos bem a diferença, porque é necessario hoje mais do que nunca accentua-la. Como *conservador*, Antonio Lino Neto limitar-se-ia á aceitação de ordem burguêsa com todo o seu exagero capitalista, com todo o seu individualismo dissolvente e anarquico. Tal é o caso dos da maioria em Portugal, que se obstinam ainda em considerar a republica como sendo *um facto da rua*, sem de longe supormos que é antes a *conclusão* dum determinado *estado-de-espirito*.

Eis porque um tradicionalista, educado com firmeza nos ensinamentos de experiencia historica, não poderá nunca enfeudar-se á classificação apática e sem finalidade de *conservador*.

Olhando mais fundo para relacionar os *effeitos* com as *causas*, nós reconhecemos que o desequilibrio social deriva dos fermentos gerados e desenvolvidos pela Revolução Francêsa. Contra o atomismo irreparavel em que pela herança de Jean-Jacques Rousseau se pulverizaram os Lares e as Oficinas, é imperioso, como as casas que o são, que nós restauremos a ordem christã, de natureza corporativa, em que a sociedade antiga se firmava indissoluvelmente.

D'ai uma vista mais geral e mais larga do problema, que nem de leve se satisfará com uma simples reforma na organisação dos poderes do Estado. Não basta uma mudança politica para que o ritmo perdido volte a reger as manifestações desconexas da colectividade. Torna-se urgentissimo o ir-se sem hesitação muito mais alem, para que o mal se esconjure e a paz se conheça entre os homens.

Renovador, e não *conservador*, o dr. Antonio Lino Neto é assim um defensor das velhas idéas comunitarias que dão á terra e ao trabalho um logar proeminente, conferindo á propriedade uma função de destaque social. Não é demais recorda-lo num momento em que o mancho do desbaste as florestas de Portugal, —piedade para as nossas arvores!—, exercitando um direito que o proprietario realmente não possue. Porque se o proprietario não é o *detentor da propriedade*,—segundo a formula avariada dum avariado economista—, ele é rigorosamente o seu *conservador*. Fixemos uma passagem celebre do marquês de Le Tour du Pin, recebido da boca veneranda de seu pai. «Preparando-me para lhe suceder no bem da familia, na *terra dotta*, em que eu termino os meus dias, meu pai deixou-me a seguinte lição:

«Lembra-te sempre que perante Deus tu não serás mais que o administrador desta terra para interesse dos seus habitantes.»

E o grande Charles Maurras acrescenta: —«Diante de Deus,—isto é, em filosofia positiva, conforme á ordem e ao progresso humano—, é uma bela verdade segundo a qual «a propriedade constitue uma função social.» Os legistas de decadencia romana, debaixo de toda a especie de influencias perniciosas, tinham-n'o olvidado; mas toda a sabia antiguidade romana e helenica no seu periodo de força, professou semelhante verdade. Por ela se regeu toda a sociedade prospera. O proprietario da casa dos antepassados era um administrador, um usufructuario e um funcionario: a falar verdade, não funcionario do Estado, mas mais profundamente da sociedade e de natureza.

Não é outro o conceito comunitarista de Antonio Lino Neto. Ainda na admiravel definição de Charles Maurras, ele é bem um «socialista» naquele sentido em *que «a idéa de propriedade é penetrada pela idéa de sociedade»*. Meditemos um pouco no seu exemplo e veremos, que, a Universidade o repelliu e o Parlamento nunca o encontrou entre os seus. Escutamno, porem, quando em Portugal, fóra dos limites da sciencia—official e das facceis canunisações partidarias, se debruçam com ansiosa interrogação para os destinos duvidosos que nos espera. Bem lhe podemos chamar «sem favor um «preparador de *energia nacional*.» Se a sua *Questão agraria* fosse estudada e sentida como breviario das aspirações seculares da nacionalidade, em outro gran de amplitude e de fervor patriotico se acharia decerto em Portugal a consciencia colectiva!

Desde a renovação das pequenas industrias locaes até ao regresso á terra, fundamentado com medidas rigorosas contra o absenteismo e no reconhecimento da necessidade duma nobreza rural, Antonio Lino Neto é o fiador de muitas reivindicações incluidas no patrimonio doutrinario do *Integralismo*. Na sua acção como vereador, é *Integralismo* ainda que Antonio Lino Neto realisa, inspirado nos preceitos altos da sociologia christã, que, —mais uma vez o repetimos—, nos manda ser *renovadores* e não *conservadores*. Deve ser portanto ficticio o aplauso de que os politicos rodeiam a extraordinaria iniciativa do illustre professor. Não a sentem nem a entendem, empenhados todos na discussão bizantina do voto obrigatorio, com ou sem bilhete de eleitor. Mas sentiram-na e entenderam-na logo os que nasceram para abrir a Portugal uma nova era de esplendor e ventura. Conosco, como nosso mestre aclamado, é que Antonio Lino Neto se quererá. Campeão dos mais decididos do nosso municipalismo, ali, na Camara de Lisboa, ele reabilitou a dignidade perdida das antigas magistraturas concelhias. Ha, então, em Portugal um *vereador*! E por que sei que outro titulo de consagração publica não ambicionaria o nobre espirito de Antonio Lino Neto, é nesse que eu resumo toda a minha admiração, por uma obra que é uma vida e por uma vida que é um exemplo. Absolvo-me assim daquela hora já distante em que o fui roubar aos seus habitos de monge trabalhador, com o plano dum livro ardendo-me na cabeça e os mil alvoroços da adolescencia prometendo-me a gloria para o dia seguinte.

Antonio Sardinha

Paiva Couceiro

Fazemos nossas as nobres palavras de *O Dia*, de sabado ultimo, sobre esta gloriosa personalidade:

«Deve ser *graça* de mau gosto a do correspondente do *Primeiro de Janeiro*, juntando o nome do grande português e nosso querido amigo Henrique de Paiva Couceiro com os de Norton de Matos e Leote do Rego, e dizendo serem estas as tres exclusões que o governo fará numa anistia decretada em 31 de Janeiro.

Nem nos consta que se projecte anistiar em tal data, nem deixamos de protestar com a maior veemencia contra essa mistura, embora numa simples noticia, de nomes que nem se parecem nem se confundem.

Henrique de Paiva Couceiro é a mais alta, a mais nobre, a mais bela figura moral e militar dos monarquicos portuguêses. O seu nome é uma epopeia. Tocar-lhe é levantar como um só homem todos os monarquicos contra quem ouse macula-lo.

Não pode ter passado pelo espirito do governo a idéia duma tal excepção infame.

Se não temos reclamado desde já que terminem as excepções odiosas da anistia de 1914, a que se voltou depois do *14 de Maio*, é porque entendemos não dever lembrar ou suplicar o que é *um ponto de honra*.

Mas se alguem se atrevesse a envolver os cinco ilustres portugueses que estão exilados por efeito duma lei iniqua com os que foram banidos pelo *5 de Dezembro*, nenhuma consideração politica nos levaria a manter por mais um instante a attitude que temos conservado. Porque nos teriam atingido na nossa propria honra e nos feririam no coração.

Cinismo ou cegueira politica?

Um documento preciosissimo para a historia das competencias da nossa democracia:

Portaria n.º 334

Para que o nome de um traidor não conspurque o nome de uma colonia portuguesa; ahi, onde mil padrões de gloria atestam o acendrado patriotismo da nossa raça; ahi, onde muito sangue generoso foi derramado para o engrandecimento da acção civilisadora da alma portuguesa; ahi, onde a lingua de Camões é conhecida de variadissimos povos, desde ha seculos, em uma extensão de territorio colossal; para que jámais, de tal modo, labios humanos possam macular-se pronunciando o nome execrando do criminoso que não duvidou atraiçoar a patria para dar curso a miseraveis subserviencias, julgando-se mais honrado e no ser lacaio de um rei imposto ao país pelo dinheiro das congregações religiosas e pelas armas de estrangeiros do que um cidadão livre trabalhando livremente pela gloria de Portugal.

Hei por conveniente determinar que seja eliminado o nome do traidor á Patria, Paiva Couceiro, dos fortes a que fora dada essa denominação e que substituindo-a, se dê a esses fortes o nome da região onde se encontram os quais oportunamente serão publicados.

As autoridades e mais pessoas a quem o conhecimento e a execução desta competirem assim o tenham entendido e cumpram.

Palacio do Governo em Loanda, 1 de Agosto de 1911.

(a) *Manuel Maria Coelho*
Governador Geral

Em comentario a este documento o sr. Manuel Maria Coelho, publica na *Opinião* uma carta, de que extraimos este significativo trecho:

«Que fique bem na historia, mesmo na historio patria, que eu chamei, como chamo, traidor á Patria a um homem que é reu do crime inaudito de haver, apoiado em terra estrangeira e com auxilio de estrangeiros, trazido a guerra ao solo portuguez, e, batido, nessa terra estrangeira se haver refugiado com as armas na mão.»

Cinismo ou cegueira politica?

E' esperado brevemente no Tejo, um vapor com um carregamento de carvão, consignado ao governo e adquirido pela firma Rugeson & Ruginon Limitada, sendo o segundo carregamento que acuzia firma fornece aos governos da Republica.

Dr. Teixeira Gomes

E' demitido e continúa detido

O *Diario do Governo* inseriu ontem o seguinte:

«Usando da faculdade que me confere o n.º 4.º do artigo 47.º da Constituição Politica da Republica Portuguesa: hei por bem demitir Manoel Teixeira Gomes do cargo de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario da Republica Portuguesa em Londres. O ministro dos negocios estrangeiros o faça imprimir, publicar e correr. Paços do governo da Republica, 25 de janeiro de 1918.—*Sidonio Pais*.

O sr. dr. Teixeira Gomes continúa detido no Avenida Palace. Esta manhã a guarda de policia foi reforçada por um piquete de cavalaria da Guarda Republicana.

Todos os monarquicos devem votar

Recenseamento eleitoral

O periodo para inscrição no recenseamento politico começará em 2 de janeiro e terminará em 28 de fevereiro, podendo inscrever-se como eleitores todos os cidadãos maiores de 21 anos, ou que completem essa edade até 30 de junho e que estejam no goso dos seus direitos civis e politicos; saibam ler e escrever portuguêz e residam no territorio da Republica Portuguesa. O requerimento deve ser escrito pelo punho do recenseado, perante notario, que reconhecerá a letra e assinatura, podendo tambem ser feito na presença do presidente da junta da freguesia onde reside e de dois eleitores da mesma freguesia, servindo de testemunhas, ou ainda o requerimento ser instruido por documento official comprovativo do requerente, saber ler e escrever, levando, comtudo, a assinatura reconhecida.

modelo do requerimento

Ex.mo Sr. Secretario Recenseador do... Bairro de...

F... (nome, estado, profissão e morada), filho de F... e F... de... anos de edade (data do nascimento, local do registo ou baptismo), sabendo ler e escrever e residindo ha mais de seis mezes nesta paroquia, pretende ser inscrito no recenseamento eleitoral.

(Data e assinatura).

A este requerimento é necessario juntar atestado de residencia passado pelo regedor ou presidente da junta da freguezia comprovando que reside, pelo menos, ha seis mezes dentro da area da cidade, seja qual for o tempo que tenha residido em qualquer dos seus bairros. O requerimento para ser passado o certificado de residencia póde ser feita nos seguintes termos:

Sr. Regedor da Freguezia de...

Para fins eleitoraes e em conformidade com o codigo eleitoral em vigor, requer F... de... anos, (estado e profissão), morador na rua..., n.º..., ...andar, que lhe seja atestado em como reside ha mais de seis mêses nesta freguezia.

Pede deferimento.

(Data e assinatura).

Os cidadãos recenseados numa freguezia e que se hajam mudado para outra pertencente ao mesmo bairro devem proceder como no caso antecedente.

Os cidadãos recenseados que hajam mudado de residencia para freguezia pertencente a bairro diferente do da sua actual residencia devem requerer ao secretario recenseador do bairro a que pertencam, instruindo o requerimento com certidão de eleitor e certificado de residencia.

Os cidadãos recenseados que hajam mudado de residencia dentro da mesma freguezia devem participa-lo ao secretario recenseador, por escrito, documentado com um certificado da sua actual residencia.

Na séde das Juventudes Monarquicas Conservadoras, travessa das Mercês, n.º 53, (ao Calhariz), encontra-se todas as noites pessoal competente habilitado a atender os monarquicos que desejem recensear-se e que, para maior facilidade, se limitarão a preencher ali um boletim com o qual as Juventudes se ocuparão do que necessario seja para se realisar o recenseamento.

Está já sendo organisado o grupo de marinheiros que vai seguir para Moçambique, afim de tomarem parte nas forças expedicionarias.

Ainda a carta do sr. Leote do Rego

A «Manhã», quando o ministerio da guerra revelou uma carta do sr. Leote do Rego ao sr. Luis Galhardo ou quem quer que seja, apareceu-nos triste e engasgada, como se tivesse, como Adão no Paraizo, tambem comido o fruto proibido. Claro que o fruto proibido que fez engasgar a «Manhã» foi o tal falsificador do chefe de estado, um patusco que se divertia a fazer de Bernardino Guimarães. . quem era o falsificador da assinatura cordial do nosso brazileiro? Ninguem o sabia. E por isso a «Capital», sem querer fazer juizos temerarios, prudentemente (a prudencia da «Capital» é já celebre) classificou essa carta como um verdadeiro enigma...

E a «Manhã», engasgada, sem poder fazer ou inventar um desmentido, agarrou-se á primeira tabua de salvação:—agarrou-se ao enigma.

E hoje, cada vez mais engasgada, cada vez mais em perigo de ir ao fundo e perder os seus queridos correligionarios, a «Manhã» agarra-se ainda a outro enigma, maior, mais obscuro ainda—a decifração que do anterior, o nosso colega no Norte, «Primeiro de Janeiro», acaba de atirar ao publico guloso de charadash..

Pobre «Manhã»! Então não vá ela defender-se com uma charada? A «Manhã» não foi tomar a serio a decifração do «Primeiro de Janeiro», uma verdadeira blague?

A «Manhã» decididamente anda mal da cabeça. Se não andasse com certeza não publicaria a *decifração* que mais, muito mais a comprometeu...

Compressas de vinagre, sr. Mayer!

A filha de Sion

Isto diz o Senhor Deus: Quando eu tiver ajuntado a casa de Israel dentre os povos em que têem andado dispersos, serei santificado neles aos olhos das gentes, e eles habitarão na sua terra que eu dei ao meu servo Jacob.

EZEQUIEL XXVIII,25

Os teus profetas viram para ti coisas falsas e fatuas...

JEREMIAS-THRENOS II,14

No ponto mais oriental do campo da batalha que ora envolve o mundo, onde João de Giscla caiu varado pela lança romana e por onde passou e repassou o pé brutal de conquistadores sem conta, caiu pela vigessima vez a de nome Sion sagrado, terra fatal sobre que pesam anatemas, ré de deicidio e de que segundo as profecias não ha de ficar pedra sobre pedra. Já em 70 foi sobre uma ruina que Tito fez penetrar o poder ingente das suas quatro legiões: a Macedonica, a Primigenia, a Panonica e a Phretense, que comandava aquele espanhol amigo de Plinio, o moço, que depois foi o imperador Trajano. Caiu agora nas mãos cristãs do general Allenby.

Assim o noticiaram ás nações amigas e inimigas os radios que a Imprensa na messa pardacenta do seu feio papel estampou e repartiu pelo vulgo.

E a humanidade vibrou na galvanisação passageira e frouxa de um entusiasmo retrospectivo porque ihe veiu já dos tempos daquele ano 1000 com que o mundo devia acabar nos horrores de um cataclismo de fogo e que através da historia lhe foi comunicando a lembrança das pregações de Pedro Ermita e a dos golpes de montante de Godofredo e de Ricardo Coração de Lião. Por isso a noticia de ontem vibrou, estremeceu, passou e um momento balbuciada, foi afrouxando e quasi esqueceu.

E' que a humanidade combate agora por outros grandes ideais e outro é o seu Deus. Combate pela Liberdade, pelo Direito, pela Justiça... que o codigo comercial reconhece e metodisa. Nunja eu seu mais obscuro representante que a vitupero. De mais a mais, premindo entre o polegar e o index da sua branca mão o *denarius* do tributo, em que o perfil de Caesar marcava o poder diferente já. Alguem sob aquele ceu dissera «aos uns aos outros» aos homens que nunca deixaram de agatanhar-se.

Nem mesmo é pelo seu papel na historia sagrada do Cristianismo e da velha Lei que a conquista de Jerusalem pelos ingleses tem agora alguma importancia no conflicto mas pelo valor moral que a acção adquire ante o sectarismo dos soldados islamicos, de quem é tambem cidade sagrada, depois de Mecca.

Fechada *ab inicio* a radiação deslumbradora e pura do espirito helenico, em volta na atmosfera perene da sabedoria farisaica foi sempre uma cidade de intolerancia de sectarismo, de subtilezas e de sofismas em que pullularam as «almas como tumulos caiados» e onde inda ha pouco estereis discussões rumorejavam.

Agora só o Sionismo se salvará.

Mas bem pode a judeuga financial da Europa e da America, na dynamica de um mecanismo bem fundado, engrenar umas nas outras as forças vivas e destructivas do seu ouro e as potencias, verem uma solução do incomodo problema semitico no resurgimento da velha nação patria de Judas Galomita. A fatalidade passou por ela e para forçar as condições sociais anacidas em mil oitocentos e quarenta e oito anos de dispersão, não basta apenas a angustia de uma guerra como esta. De norte que juntados contra os panos rotos de uma muralha ciclopica bem creio que ainda pelos tempos ouviremos velhos de longas barbas repetir as palavras magnificantes dos profetas lamentosos.

Bem prematuro é esse alvoroço com que as comunidades judias e judeus dispersos se dirigem á Federação Sionista Inglesa. E assim os sionistas suissos inclinaram ao seu telograma um apelo aos povos do universo inclusive aos centrais para que o projecto da Inglaterra fosse coadjuvado e prometendo por Gehova e os seus profetas que o reconhecimento sionista que o judaismo inteiro tem hoje para o governo britanico se tornara extensivo aos que colaborarem na libertação dos judeus. Afirmam ainda esses sionistas suissos, mas não é possivel agora verificar a generalização de tal facto, que mesmo nos ultimos tempos a imprensa dos imperios centraes, sem distincção de partidos, tem defendido a sua causa. Esperam ainda que os governos dos imperios se pronunciem em seu favor.

Mas para defender assim o sionismo necessario é ter esquecido que antes de Mahomet II ter cingido ante o altar de Santa Sofia com a espada alta de conquistador «Só Alla é grande» já Omar tinha entrado na cidade em que ao Profeta de uma vez fora dado ouvir a voz de Deus. Ao lado dos muros gastos e pudicos do templo de Herodes ergue-se a mesquita de Omar pelo pranto de incontaveis gerações e o muezete aonde á tarde e de manhã sobe o Muhesin pronunciado clamando o nome de Allah e o do seu profe-

ECONOMIA NACIONAL

A guerra e o custo da vida

Não ha hoje nenhum país civilisado cuja situação não tenha sido agravada pela conflagração europeia. O custo da vida aumentou esmagadoramente por toda a parte: na velha Europa como no Novo Mundo.

Este aumento, que em toda a parte se verifica, não conservou proporções uniformes, variando de país para país e, dentro de cada país, variando de região para região, do campo para as cidades.

Analisemos primeiro o lado da Alemanha e seus aliados.

O custo da vida na Austria, país que com a França e Alemanha são os que mais teem agguentado com o peso da guerra, subiu fabulosamente, chegando alguns productos a desapparecer totalmente dos mercados. Não possuimos numeros exactos e recentes relativamente a esse aumento, mas não andaremos longe da verdade affirmando, que a vida no imperio de Carlos I deve ser hoje 200 % mais cara do que em 1914.

A Alemanha não se encontra tambem em *bons lençoes* (passe o dito popular!). A longa duração da guerra e o bloqueio mais ou menos eficaz dos imperios centraes teem contribuido para aumentar as difficuldades que o simples facto da guerra bastaria para determinar. E' para extranhar até como a Alemanha, em condições economicas manifestamente inferiores ás de qualquer país aliado, tem conseguido assegurar a sua alimentação, em especial, e a sua vida economica, em geral. A causa deste fenomeno aparentemente inexplicavel, ou pelo menos muito extranhavel, está certamente nas grandes e prontas medidas que *desde o talcio* lá foram adotadas. As restrições alimentares e a intensificação da producção (mas intensificação *ao verdad* e não apenas teorica) foram sem duvida os mais importantes meios de resistencia pacifica—de resistencia economica.

Não obstante, a verdade é que a situação na Alemanha não tem nada de boa. O *Vorwaerts*, orgão dos socialistas, soltou alguns dias de suspensão por dizer que, enquanto os capitalistas e burguezes endinheirados teem as dispensas recheiadas (á custa de muito ouro), os operarios, quer dizer o povo alemão, numa totalidade de mais de 40 milhões de seres, *tem fome*. Mais dizia o jornal referido que duma população esfomeada tudo ha a esperar, até mesmo desordens superiores ás da salada russa.

Na Austria a fome tem determinado varias alterações de ordem publica e os telegramas de hoje participam-nos a existencia ali de uma greve geral, abrangendo até as proprias fabricas de material de guerra (!), greve que, segundo as affirmações dos proprios grevistas, tem *um caracter politico economico, com fecundas para o país*.

E, convençamo-nos duma coisa, a guerra não pode durar muito, não pode eternisar-se porque a isso se opõe a complicação crescente da vida economica. Se os successos militares não permitirem a victoria insofismavel dos contendores, os povos hão de impôr a paz aos seus governos. Foi o que *em parte* se deu na Russia, é o que talvez neste momento se dê na Austria, pelo menos, nesta ultima, com o fim imediato de não deixar intervir em as negociações de paz russo-alemães. Simplesmente os povos que primeiro exigirão essa paz hão de ser os que tiverem mais fome.

A situação no campo dos aliados é um pouco melhor. Na Inglaterra, o custo da vida, officialmente, era, em 1 de dezembro passado, um pouco mais do que 100 % superior ao de 1914. O preço dos generos alimenticios subiu (medias gerais) 105 % no campo e nos pequenos centros de população, 111 %, nas grandes cidades e 86 %, incluindo impostos, para a classe dos operarios. Foram o leite, carne, farinhas e pelxe que mais encareceram. Dado curioso para nós, as batatas custam hoje na Inglaterra 60 % mais do que antes da guerra; em Portugal, mesmo segundo a tarifa official, as batatas vendem-se 180 a 200 % mais caras do que em 1914.

A França sofre da miseria geral, mas não possuimos dados exactos a ela referentes.

O que dizemos para a Alemanha, Austria, Inglaterra e França applica-se á Italia, Turquia, Bulgaria e até mesmo aos neutros.

Entre nós todos sabemos o que se dá.

E' para accentuar que a situação dos aliados, mesmo sendo melhor que a dos Imperios Centraes, poderia ser ainda melhor se eles tivessem lançado mão das medidas que a Alemanha felicitamente adoptou. Mas a verdade é que a Inglaterra levou o primeiro ano de guerra a não querer fazer grandes sacrificios e a França, em vez de desenvolver uma acção intensa, gastou o seu tempo em escandalos e inuteis discussões ou palestras parlamentares. Só ultimamente se tomaram medidas que podem fazer augmentar a producção e só ultimamente tambem se iniciou o uso do regime das restrições alimentares que a Alemanha de ha muito emprega com proveito.

Ora este regime impõe-se em toda a parte, mesmo entre nós. Verificámos com prazer que em França o opinião corrente apoiou as declarações ministeriais em que se affirmava que os ministros eram *ministros da producção*, mas tambem das restricções que fossem necessarias.

Combatâmos a Alemanha e não recuemos ante o uso das suas proprias armas quando se verifiquem os seus bons resultados.

E' preciso aumentar a producção e se for necessario fazem-se restricções, mas a tempo para que possam ser proveitosas.

A. Campos Figueira.

1 de Fevereiro

Missa em S. Vicente

Os srs. condes de Sabugosa e de Tarouca e dr. Thomaz de Mello Breyner mandam rezar uma missa no proximo dia 1, ás 11 horas da manhã, no Pantheon de S. Vicente, por alma d'El-Rei D. Carlos e de S. A. R. o Principe D. Luiz Filipe.

OUTRO MUNDO
Lembranças da Terra & dos Homens
POR
Hipóito Raposo
1 vol. 600 réis

Presidente da Republica

O sr. dr. Sidonio Pais, acompanhado por um dos seus oficiais ás ordens de s. ex.ª, saiu hoje, por volta do meio dia, do Avenida Palace, dirigindo-se de automovel para o Campo Grande, afim de assistir ás experiencias dum carro sanitario que se destina ao C. E. P.

Alfredo de Freitas Branco

Regressou da Madeira este nosso querido amigo. A sua acção politica no Funchal representa um grande triunfo para a ideia integralista. Alma ardente de apostolo e de combativo, não ha dificuldades que resistam á sua vontade obstinada, nem desanimos que o enfraqueçam nos seus designios.

Deixa na Madeira uma bela obra e vem agora continuar ao nosso lado a sua cruzada persistente e entusiastica. Abraçamos Alfredo de Freitas Branco, que vem acompanhado de seu irmão Luiz de Castro de Freitas Branco, nosso correligionario tambem e membro que foi da *Secção Escolar Integralista* do Funchal.